

## EL DERECHO A LA CALIDAD DE VIDA

En el curso de estos últimos años pocas cuestiones han suscitado tan amplia y heterogénea inquietud como la que se refiere a las relaciones del hombre con su medio ambiental, en el que se halla inmerso, que condiciona su existencia y por el que, incluso, puede llegar a ser destruido. La plurisecular tensión entre naturaleza y sociedad corre hoy el riesgo de resolverse en términos de abierta contradicción, cuando las nuevas tecnologías conciben el dominio y la explotación sin límites de la naturaleza como la empresa más significativa del desarrollo. Los resultados del tal planteamiento constituyen ahora motivo de preocupación cotidiana. El expolio acelerado de las fuentes de energía, así como la contaminación y degradación del medio ambiente, han tenido su puntual repercusión en el habitat humano y en el propio equilibrio psicosomático de los individuos. Estas circunstancias han hecho surgir, en los ambientes más sensibilizados hacia esta problemática, el temor de que la humanidad pueda estar abocada al suicidio colectivo, porque como “l'apprenti sorcier”, con un progreso técnico irresponsable ha desencadenado las fuerzas de la naturaleza y no se halla en condiciones de controlarlas. En estas coordenadas debe situarse la creciente difusión de la inquietud ecológica. La ecología representa, en suma, el marco global para un renovado enfoque de las relaciones entre el hombre y su entorno, que redunde en una utilización racional de los recursos energéticos y sustituya el crecimiento desenfrenado, en términos puramente cuantitativos, por un uso equilibrado de la naturaleza que haga posible la calidad de vida. La inmediata incidencia del ambiente en la existencia humana, la contribución decisiva a su desarrollo y a su misma posibilidad, es lo que justifica su inclusión en el estatuto de los derechos fundamentales. Por ello, no debe extrañar que la literatura sobre el derecho medioambiental, derecho y ecología, y el derecho a la calidad de vida constituyan uno de los apartados más copiosos en la bibliografía actual sobre los derechos humanos. Y parece poco razonable atribuir este dato al capricho, o a la casualidad. Se da además un nexo de continuidad entre la inquietud por la paz y por la calidad de vida. Tal nexo viene dado por cuanto de amenaza inmediata para esos dos valores suponen los riesgos de la energía nuclear. De ahí, la oportunidad de la obra de Alexander Rossnagel (“Radiaktiver Zerfall der Grundrechte?”), cuyo provocativo título posee la virtualidad de enfrentarnos con uno de los problemas más urgentes que hoy se plantea a la tutela de los derechos y libertades. Porque, en efecto, se cierne un peligro de desintegración de los derechos humanos agredidos por las consecuencias inmediatas (conflicto atómico, o contaminación nuclear del ambiente), o mediata (medidas de seguridad generalizadas limitadoras o suspensivas de las libertades), que se derivan de la utilización de las tecnologías radiactivas.

PÉREZ LUÑO, Antonio Enrique, Las generaciones de derechos fundamentales, «Revista del Centre de Estudios Constitucionales», 10, 1991, pp. 203-217.

## GABARITO

### **O direito à qualidade de vida**

Ao longo destes últimos anos, poucas questões têm suscitado uma preocupação tão ampla e heterogênea como a que se refere às relações do homem com seu meio ambiente, no qual ele está imerso, que condiciona sua existência e pelo qual, inclusive, ele pode ser destruído. A tensão plurissecular entre natureza e sociedade hoje corre o risco de ser resolvida em termos de aberta contradição, quando as novas tecnologias concebem o domínio e a exploração sem limites da natureza como o empreendimento mais significativo do desenvolvimento. Os resultados dessa abordagem agora são motivos de preocupação diária. A espoliação acelerada das fontes de energia, bem como a contaminação e a degradação do meio ambiente, tiveram seu impacto pontual no habitat humano e no próprio equilíbrio psicossomático dos indivíduos. Essas circunstâncias fizeram surgir, nos ambientes mais sensibilizados em relação a essa problemática, o medo de que a humanidade possa estar fadada ao suicídio coletivo, porque, como “l'apprenti sorcier”, com um progresso técnico irresponsável, desencadeou as forças da natureza e não está em condições de controlá-las. Nestas coordenadas, deve-se localizar a crescente difusão da inquietude ecológica. Em resumo, a ecologia representa o marco global para uma abordagem renovada das relações entre o homem e seu entorno, que resulte em um uso racional dos recursos energéticos e substitua o crescimento desenfreado, em termos puramente quantitativos, por um uso equilibrado da natureza que torne possível a qualidade de vida. O impacto imediato do meio ambiente na existência humana, a contribuição decisiva para seu desenvolvimento e sua própria possibilidade, é o que justifica sua inclusão no estatuto dos direitos fundamentais. Assim, não deve surpreender que a literatura sobre direito ambiental, direito e ecologia, e o direito à qualidade de vida constituam uma das áreas mais abundantes da literatura atual sobre direitos humanos. E parece pouco racional atribuir esse fato ao capricho ou ao acaso. Além disso, ocorre um nexo de continuidade entre a preocupação pela paz e pela qualidade de vida. Tal nexo é dado pela ameaça imediata a esses dois valores devido aos riscos da energia nuclear. Por isso, a pertinência da obra de Alexander Rossnagel (“Radiaktiver Zerfall der Grundrechte?”), cujo provocativo título possui a virtualidade de nos confrontar com um dos problemas mais urgentes que surgem hoje na proteção dos direitos e das liberdades. Porque, de fato, existe o risco de desintegração dos direitos humanos atacados pelas conseqüências imediatas (conflito atômico ou contaminação nuclear do meio ambiente) ou mediata (medidas gerais de segurança generalizadas, limitadoras ou suspensivas das liberdades), que derivam do uso das tecnologias radioativas.

PÉREZ LUÑO, Antonio Enrique, Las generaciones de derechos fundamentales, «Revista del Centred Estudios Constitucionales», 10, 1991, pp. 203-217.